

**NARRATIVAS DE PROFESSORAS INDÍGENAS – HISTÓRIAS DE PRECONCEITO E IDENTIDADE**

**NARRATIVES OF ABORIGINAL TEACHERS - HISTORIES OF PRECONCEPTION AND IDENTITY**

Sandra Teixeira Gomes Ribeiro (UFGD)

**Resumo:** Observando o processo ensino/aprendizagem que as professoras indígenas de uma aldeia douradense atravessam, com relação à realidade enfrentada fora do seu ambiente natural ao serem encaminhados para escolas não-indígenas, é fatídico que muitos apresentam grandes dificuldades em respeito ao relacionamento entre alunos indígenas/alunos não-indígenas e algumas vezes entre alunos indígenas/professores, são muitos os casos relacionados a preconceito e repressão pelo fato de o aluno ser advindo de aldeias, sendo considerado como uma pessoa diferente (e talvez inapta) com relação aos que não o são. Dessa forma, este fator em muito contribui para a desistência e reprovação dos alunos não-indígenas enfatizando a velha afirmativa de que os indígenas não conseguem acompanhar o estudo de maneira equilibrada com os não-indígenas, fato este que eles assumem para si como uma verdade, no entanto, sabemos que não é assim que o processo se desenvolve.

**Palavras-chave:** Língua. Cultura. Contextos Complexos.

**Abstract:** Observing the process of teaching and learning that the natives teachers of a village Dourados city traverse, in relation to the reality faced outside their natural environment being sent to non-Indian schools, it is fateful that many have great difficulty in regard to the relationship between indigenous students / non-indigenous students and sometimes between indigenous students / teachers, there are numerous cases related to prejudice and repression because the student is arising out of villages, being considered as a different person (and perhaps unsuitable) over those that are not. Thus, this factor greatly contributes to the dropout and repetition of non-indigenous students emphasizing the old assertion that the Indians can not keep up with a balanced study of non-Indians, a fact that they assume to themselves as a true when we know that is not how the process develops.

**key-words:** Language. Culture. Complex contexts

1. RELATO SOBRE A VOZ DOS SUJEITOS VIA NARRATIVAS

Este artigo apresentará um relato do estudo intitulado como “Narrativas de Professoras Indígenas – Reconstruindo Histórias de Identidade e Preconceito”, assim será necessário inicialmente considerar a existência de uma relação dinâmica entre mundo real e sujeito é o objetivo principal da pesquisa qualitativa que alicerça este estudo. Esse tipo de pesquisa foi utilizado devido sua forma descritiva e por ter como foco principal o processo em que ocorrem os fatos, torna-se preferível estudar relações com maior grau de complexidade, ao invés de apenas explicá-las, buscando dessa forma, a (re)construção da realidade.

Fica evidente a importância do estudo pautado na pesquisa colaborativa. Com relação à comunidade interna, o sentido de perceber que as mulheres indígenas, de certa forma, se sentem motivadas pela cultura indígena sem o desejo da aculturação, apesar de muitas vezes precisarem romper com as tradições. Isso não significa, no entanto, que elas queiram deixar de ser indígena, o que existe é um desejo de assumir a transculturalidade.

Essas evidências partem do princípio de que o homem não-indígena “se instalou no quintal”<sup>1</sup> dos indígenas e ali deixou sua marca. É por meio dessa inserção na sociedade capitalista, sua adaptação à maneira como nós vivemos, completamente diferente da vida que eles têm dentro da aldeia, e que, de alguma maneira, os estimula a viver como o não-indígena: sempre em busca de bens materiais (como carros, casas confortáveis e eletrodomésticos que até determinado momento não pertenciam à sua cultura), ascensão social e status (sempre vinculados a cargos e acúmulo financeiro). Embasado, nesse contexto, fica perceptível que:

O processo reflexivo exige mergulho tanto no conhecimento teórico quanto no mundo da experiência, para que se possa desvelar a que interesses servem as ações sociais e como elas reproduzem práticas ideológicas, isto é, a reflexão oferece mais poder para os professores (re) construir o contexto social em que estão inseridos, proporcionando condições para que esses profissionais compreendam que, para mudar a teoria educacional, a política e a prática, é necessário mudar a própria forma de pensar e agir. (IBIAPINA, 2006, p.18).

O estudo direcionado à narrativa de histórias de vida de mulheres indígenas com formação docente está circundado pela preocupação social, em que as experiências vivenciadas e compartilhadas no processo escolar, levaram a dispersão de atitudes motivadoras de maneira a inflar conhecimentos que buscam a reflexão e o pleno desenvolvimento profissional dessas mulheres.

Questionar as dificuldades encontradas e refletir sobre elas é uma maneira de indagar a própria realidade de ser mulher dentro e fora da aldeia. Conforme Ibiapina (2006, p.29), o “delineamento de uma pesquisa colaborativa prevê a concretização de processo sistemático de reflexão e ação que utiliza a análise crítica, de forma que esta se converta em práxis, na qual teoria e prática se ampliam, complementam-se, transformam-se”.

Dessa forma, as professoras indígenas estão interligadas às etapas da pesquisa e tornam-se, assim, construtoras dos conhecimentos que a pesquisa estrutura, tornam-se também co-produtoras dos saberes que formam seu fazer profissional, em busca da reflexão de sua realidade, o que contrasta com seu passado escolar.

## 2. MULHERES INDÍGENAS FALANDO DE SI

Assim, as três mulheres indígenas que nos forneceram os dados são formadas ou graduandas no ensino superior, licenciatura em educação, tendo cursado o ensino fundamental e médio em escolas fora das aldeias (no caso, fora das Aldeias Bororó e Jaguapiru), onde residem e que estão localizadas na cidade de Dourados. Após essa identificação, foram marcados os encontros na residência, ou na escola onde lecionam, ou ainda, na própria universidade onde estudam. Essa situação é confortável para que elas se dediquem às suas narrativas de maneira mais espontânea. Essa reflexão será direcionada para as dificuldades encontradas durante o processo escolar fora da aldeia e que, mesmo hoje, com a escola indígena sendo oferecida dentro das aldeias ainda existem algumas situações conflitantes. Conforme destaca Cavalcanti:

Todos esses professores passaram pela educação escolar indígena e pela educação tradicional indígena que não é realizada em escola. A escola, deve-se enfatizar, veio de fora, importada pela comunidade ou imposta pela sociedade dominante. O conceito de escola (rização) não pode ser tomado como dado, pois, além de ser, em princípio, alienígena ao mundo indígena, é semanticamente carregada na sociedade envolvente, onde se apresenta como ‘modelo idealizado. (CAVALCANTI, 2006, p.237).

---

<sup>1</sup> Referência enfática por nós utilizada a respeito da brusca entrada do homem não-indígena dentro das aldeias.

Observar a relevância em se discutir e abordar o papel e o lugar da mulher indígena tem em seu bojo a intenção de mostrar como essas mulheres ganham espaço, pouco a pouco, dentro de um universo que por muito tempo não foi usufruído por elas: o espaço da universidade enquanto estudantes e formadoras de opinião. Outro aspecto considerado é que além de universitárias, essas mulheres também assumem outros papéis: dona de casa, professoras, sem deixar de considerar o aspecto de suas etnias indígenas.

Dessa forma, são as muitas identidades que cada mulher indígena necessita constituir e reconstruir diuturnamente que certamente as desafia, porque essa identidade ao mesmo tempo em que surge dentro da individualidade, também apresenta, pela curta distância entre a aldeia e a cidade, o anseio de estar inserida na sociedade não-indígena, isso cria impasses e o desejo pelos bens da sociedade não-indígena. Tudo isso gera um descompasso entre a cultura vigente nesta sociedade, apontando para aquilo que Hall (2006, p. 47) definiu como sendo “significados culturais, um foco de identificação e um sistema de representação construindo sua identidade no interior dessa cultura”.

Partindo então da realidade dessas mulheres, em especial pela proximidade da aldeia com relação ao centro urbano de Dourados, é possível perceber que a inserção das mesmas na sociedade não-indígena é uma constante, pois precisam se deslocar para fazer compras, estudar e principalmente, para trabalhar em serviços nem sempre muito valorizados pela sociedade não-indígena (para os homens serventes de pedreiro; trabalhar na usina; e para as mulheres, sobra a opção de empregada doméstica). Esse ir e vir que fica rotineiro pelo exercício do trabalho fora da aldeia, também em consequência do empenho em adquirir bens que são muito valorizados e representam uma ascensão social para a sociedade não-indígena.

A representação social, dessa forma, se materializa em posses, ter carros ou casas que ofereçam comodidade, não só significa ter bem-estar, mas significa também, ter a possibilidade de se colocar em um status social de uma classe considerada média.

Essa situação hierárquica demonstra o preconceito vigente na sociedade não-indígena com relação à mulher indígena, pois como não são oferecidos a elas empregos nos quais os salários sejam suficientes para garantir uma condição social mais alta, muitas mulheres ficam, aos nossos olhos, à margem da ascensão desejada pelo “homem branco”<sup>2</sup>. Por certo, há muitas dessas situações colocadas aqui que não acontecem somente aos indígenas, mas também aos não-indígenas. Contudo, como estamos falando de pessoas nativas de aldeias, se torna importante informar tais dados.

Cada um desses papéis – dentro e fora da aldeia – exerce uma função importante na (re)construção da identidade destas mulheres, além de reforçar a situação de preconceito que também as envolveu (ou ainda as envolve) no decorrer da vida escolar.

A partir do momento que o conhecimento é adquirido, que a absorção do outro se inicia, não existe uma identidade única depois que acontece a socialização: a identidade pode ser considerada um elemento fragmentado, composto da identidade de outros sujeitos que com elas se relacionam. Essa fragmentação inicia-se dentro da própria aldeia, devido à variedade étnica que ali existe, formando uma só comunidade: Guarani/Guarani Nhandeva – Kaiowá e Terena. Sakaguti (2006) descreve, dessa forma, a Reserva Indígena de Dourados:

A Reserva Indígena de Dourados-MS (RID), antes nominada Posto Indígena ‘Francisco Horta Barbosa’, está localizada na zona norte do município de Dourados. Conta com uma população, segundo Relatório da FUNASA, de, aproximadamente, 6.900 indígenas. Para a FUNAI de Dourados cerca de 10.000 indígenas habitam na Reserva, distribuídos em 3.539 hectares. Na aldeia Bororó destaca-se a presença maciça dos Guarani: Nandevá e Kaiowá e no Jaguapirú, os Terena, uma pequena população da Guarani, além dos mestiços que se fazem presentes em ambas as aldeias. (FUNAI, 2002).

<sup>2</sup> Levando em consideração que nem todo aquele que não é indígena é realmente branco, pois também pode ser negro, pardo ou amarelo, tudo de acordo com sua origem.

É possível perceber a diversidade já existente dentro da própria Reserva, pois as duas aldeias ficam separadas apenas por uma rodovia, o que facilita o trânsito das etnias entre elas. Assim, nestas situações de contato, já se iniciam as transformações de seus costumes e seu idioma.

De acordo com Pereira (2008, p. 151), “a distribuição destes grupos étnicos se coloca da seguinte forma: 4.819 índios Guarani/Kaiowá, 1.300 Guarani/Nandeva resultando em 6.119, acrescentando-se 2.104 da etnia Terena”, o que facilita largamente essa disseminação étnica. É diante desse cenário que apresento agora as participantes desse estudo, são elas: Kake, Mbo`y rendy e Yvoty.

E, dentro da vida familiar, não poderia ser diferente, pois os casamentos que acontecem entre indígenas de etnias diferentes, também podem ocorrer entre indígenas e não-indígenas. Vivendo ou não na aldeia, a mulher indígena começa a observar que seu lugar não é “apenas ser submissa” (e aqui não vai um julgamento de valor) ao marido, cuidar dos filhos e da casa. Percebe que pode ir além sem perder sua identidade indígena. Assim, o conhecimento que absorver na universidade poderá auxiliá-la no resgate da cultura e a derrubar o preconceito que ainda existe dentro da sociedade dos não-indígenas. Dessa forma, as mulheres indígenas participantes deste estudo se mostraram muito parciais com relação à defesa pela reabilitação de sua cultura/língua e identidade e pela extinção do preconceito que, às vezes, surge sorrateiro e quase imperceptível, isto é, apenas nas entrelinhas.

A primeira mulher, doravante chamada Kake<sup>3</sup>, é da etnia Guarani, é acadêmica do curso de Licenciatura Indígena da UFGD, bolsista de Iniciação Científica do CNPQ, convocada como professora da Educação Infantil do município de Dourados, é casada, tem dois filhos e mora na Aldeia Jaguapiru. Como qualquer mulher, as mulheres indígenas também passam por muitas dificuldades para terminar seus estudos.

A segunda mulher é a Mbo`y rendy, da etnia Kaiowá, também acadêmica do curso de Licenciatura Indígena da UFGD, bolsista da Capes, tem quarenta anos, é professora tradutora num acampamento em Rio Brillhante, cidade a 65 quilômetros de Dourados, é casada. Mbo`y rendy atravessa um momento de muita dificuldade em relação às demais, pois vive num acampamento indígena às margens de uma rodovia, cujas habitações são lonas improvisadas, contando com recursos extremamente escassos. Ela relata que o preconceito não está somente no gênero e etnia, mas também na condição social de acampada.

As barreiras que Mbo`y rendy enfrentou no passado, ainda hoje persistem em sua vida diária, tanto que devido a essas dificuldades, precisou mudar-se para outra aldeia, e por esse motivo perdemos o contato. Desta forma, trabalharemos com aquilo que ela pôde nos oferecer na medida do possível.

A terceira mulher chama-se Yvoty, da etnia Terena, acadêmica do curso de Licenciatura Indígena da UFGD, bolsista da Capes, é casada e professora efetiva da Educação Infantil do município, muito extrovertida, mora na aldeia Jaguapiru, em Dourados.

Os encontros com as participantes aconteceram em diversos locais, onde o ambiente se apresentasse como o mais propício para as narrativas propostas. Tanto Kake quanto Yvoty se sentiram confortáveis na Escola Municipal Indígena da Aldeia Jaguapiru, que é o ambiente de trabalho de ambas. Todos os encontros foram realizados durante suas aulas e atividades no período da tarde. Mbo`y rendy preferiu a residência de sua professora de Licenciatura Indígena, encontros também marcados no período da tarde de acordo com os dias de suas aulas, já que ela mora em outra cidade e isso facilitaria o encontro.

A respeito dessas mulheres observa-se que, devido as suas etnias, muitas foram as diferenças com relação ao percurso realizado durante suas vidas escolares. As dificuldades apresentam-se como a base para a existência do preconceito e, conseqüentemente, para a

---

<sup>3</sup> Todas as participantes terão como identificação nomes indígenas, para resguardá-las e ao mesmo tempo fortalecer sua identidade indígena.

metamorfose da identidade indígena. Podemos verificar essa afirmação na colocação feita pela indígena Guarani Kake (gravado em 15/06/2010):

Eu lembro que tinha vez que a gente falava coisas erradas, os amiguinhos da gente riam da gente, a gente falava palavra errada, então eles riam, né. Foi o caso desse preconceito dos próprios coleguinha da gente, da gente não saber falar direito a gente foi falando só, eu lembro que só falava português. Eu peguei assim tipo um trauma de fala a língua, mesmo a vovó me ensinando, a mamãe me ensinando eu não falava mais, só de medo deles rir de mim. Deles começar a rir então comecei a falar português não falava mais em guarani. Nem em casa eu não quis, eu lembro que eu era criança, eu não quis aprender, eu tinha vergonha de ir pra escola e eles rir de mim, porque a gente misturava as duas línguas.

Kake conta que as outras crianças riam dela porque ela não dominava a língua portuguesa, e então, acabava misturando palavras em guarani com palavras em português para se comunicar com professores e colegas de sala. Essa situação causava muito constrangimento, em especial, com relação às constantes ocorrências de preconceito e discriminação por seu linguajar.

E não é só esse tipo de preconceito que determinava a identidade dessas mulheres, o preconceito de gênero acontece também nas aldeias por meio de regras sociais de cada etnia, e que de certa forma pressionava essas mulheres a serem submissas. Mbo`y rendy conta que a sua mãe não queria que ela estudasse, talvez, comenta ela, por não compreender a importância da educação e só permitir a escolarização aos nove anos pela persistência dos missionários que cobravam isso dela, mas deixou claro que, “eu vou mandar na escola só pra saber escrever o nome dela depois eu tiro tamém”. E isso só acontecia porque para a mãe de Mbo`y rendy, como uma indígena Kaiowá, definia a função da mulher da seguinte maneira:

Na tribu kaiowá as mulheres indígena servia só para ser mãe só para produzir filhos e cuidar da casa só. Ela cuidava da casa e dos filhos e tamém o dever dela era cuidar do marido só. Fazer tudo o que o marido mandava ela fazer ela fazia, ser humilde ao marido, ser obediente. Então por isso acho que a indígena, assim, não estudava. (Gravado em 08/06/2010).

O mesmo não é notado nas colocações da Terena Yvoty, que desde criança via seu pai lendo gibis do *Tex*<sup>4</sup>, demonstrando o prazer que essa ação poderia proporcionar. Não teve muito contato com a língua materna, e talvez por esse motivo seus relacionamentos na escola não tiveram o mesmo impacto que as demais mulheres. Na verdade, ela conta a história como se fosse uma não-indígena, quando se indaga sobre a educação indígena, ela é enfática ao afirmar que:

Na família terena, nós não tivemos isso, pelo menos na família de meu pai, da minha mãe, não tinha nessa questão as coisas que a gente percebe, assim no ensinamento das famílias indígenas é que trabalha em conjunto, conversas na hora principalmente na hora, assim de criança, meu pai contava muito, assim, né, que é uma da prática do povo indígena, que é a noite quando conta as histórias passa o ensinamento, assim, desse jeito, mas, assim, de práticas culturais da etnia, pra mim não tem. (Gravado em 06/07/2010).

---

<sup>4</sup> Tex ou Tex Willer (que já foi chamado de Texas Kid quando foi publicado pela RGE) é uma personagem de banda desenhada (história em quadrinhos), criado em 1948 e originalmente publicada na Itália. Tex é uma das personagens de westerns mais longevas da história dos comics, sendo publicado em diversos países do mundo. Foi no dia 30 de setembro de 1948 que surgiu a primeira história de *Tex*. Fonte: <http://downloaddegibistex.blogspot.com/2008/07/histria-dos-gibis-tex.html>.

É perceptível como a questão étnica também conta muito na constituição da identidade, pois ao mesmo tempo em que para Kake e para Mbo'y rendy o estudar e o contato com o outro, em certos momentos, aconteceram de maneira abrupta, para Yvoty isso ocorreu naturalmente. Pois, além das barreiras a serem enfrentadas na escola, devido à dificuldade de apresentar-se como indígena, que não acompanha os demais no falar português, ainda havia a barreira levantada dentro da própria aldeia devido a sua cultura.

No caso de Mbo'y rendy, o empecilho estava dentro da sua casa, pois aos 14 anos sua mãe queria (conforme rege a tradição) que ela se casasse. Na tradição Kaiowá, a menina na sua segunda menstruação deve ser “entregue” pela sua mãe para um rapaz de qualquer idade que a queira desposar. Mbo'y rendy, mesmo não sendo o que sua família esperava, devido às tradições de sua etnia, foi determinada em buscar seu sonho – o de estudar. Para isso, saiu de casa e foi morar com as missionárias até concluir o magistério.

Outro ponto citado e que de certa maneira colabora para o distanciamento dos costumes e com o desejo de buscar outros caminhos, de ter outra identidade, no caso, uma identidade profissional é, provavelmente, a situação de pobreza que essas indígenas viveram na infância. Durante uma de nossas seções, Yvoty relembrou seu passado na missão e o tal fato a marcou fortemente. Disse ela:

Agora na missão tive uns desafios na condição de vida mesmo, que eu tive algumas situações, assim, porque na época do frio, era muito frio, eu não sei se na época, a gente sentia muito frio, porque não tinha mesmo os agasalhos, eu me lembro que passei muito frio. Do professor não compreender sua situação e chamar sua atenção – “ow, não tá com frio, não?” claro que to com frio, porque eu to sem agasalho... (Gravado em 25/05/2010).

O pai de Kake era bastante severo, seguia uma tradição em que os homens deviam predominar, apesar de ser mestiço, pois sua mãe era uma não-indígena que tinha vindo com a família de Minas Gerais para o cultivo e colheita da erva-mate, aqui na cidade de Dourados. O pai de Kake sempre foi muito rígido com a família. A educação dada aos filhos era dos não-indígenas porque, para ele, essa era a melhor educação. Apesar disto, quando o pai se ausentava para o trabalho, a mãe e a avó de Kake ensinavam a ela os costumes e a língua indígena.

É possível entender melhor a percepção de identidade de cada participante se observarmos o seguinte quadro:

Tabela 1 – Línguas e etnia de cada participante

PARTICIPANTES	ETNIA	LÍNGUA FALADA			
		Português		Guarani	
		Fluente Parcial	Parcial	Fluente	
Kake	Guarani	X		X	
M b'oy rendy	Kaiwoá	X		X	
Yvoty	Terena	X			X

A opção por este grupo de mulheres indígenas escolarizadas se deu pelas seguintes razões: a) perceber se pelo fato de que essas mulheres haviam estudado fora da aldeia viria afetar sua identidade indígena; b) ter uma profissão intelectual tornaria essas mulheres menos indígenas ou não e; c) romper com a tradição indígena afetaria o lugar e o papel da mulher na sociedade indígena. Enfim, como tudo isso implicaria na identidade destas mulheres.

### 3. DEFINIÇÕES A PARTIR DAS NARRATIVAS DAS MULHERES INDÍGENAS

É necessário ampliarmos um pouco mais nossos conhecimentos acerca das mulheres indígenas. Saber o que pensam, sentem ou vivem na atualidade com relação ao preconceito/discriminação, que um dia vivenciaram no processo escolar e levar em consideração que tal vivência poderia conseqüentemente, conduzir a um esquecimento de suas identidades. Desta forma, Viana (2010, p. 25) afirma que, “uma vez que não se espera identidade fixa numa sociedade em constantes transformações, é notável que haja diferenças entre etnias que convivem num mesmo espaço, como é o caso da Reserva Indígena de Dourados”.

Por meio dos relatos, foram constatados os desejos, anseios e angústias dessas mulheres no momento em que se referiam a suas experiências no âmbito escolar. Descrevendo os costumes educacionais, como aconteceram e como foram vivenciados dentro da família e expondo suas experiências no processo ensino/aprendizado fora da família – nas escolas, certamente essas lembranças as levaram a retomar seu passado e sentirem o desejo de reaver sua cultura, seus costumes, sua língua e, conseqüentemente, sua identidade, que eram passados de forma oral dos mais velhos para os mais novos. Mas devido a uma série de fatores, essa tradição foi sendo superada por outros elementos inseridos pelos não-indígenas como práticas religiosas, busca por status social e outros.

Pela força das mulheres indígenas, é perceptível que este é o momento de retornar às raízes e reviver os costumes e a língua de cada etnia. A solução está na educação, que outrora essas indígenas que faziam o caminho inverso, fugindo da escola por constrangimento, hoje buscam nos cursos acadêmicos, direcionados para a comunidade indígena, a base para esse resgate. Esse anseio na fala das mulheres indígenas se dá, talvez, pela sua formação e um maior conhecimento sobre a importância de ter de volta sua cultura e língua.

A indígena Yvoty expõe em suas narrações (gravação de 25/05/2010) que, a educação acontecia em casa, como seus pais tiveram pouco estudo, só o básico, no caso os primeiros anos do ensino fundamental, e o que ela sabe é o que seu pai conta: o conhecimento era passado como uma brincadeira, pois é uma das práticas do povo indígena, a noite contar histórias e desta forma passar os ensinamentos culturais. Sente falta de não ter vivido situações semelhantes as que o seu pai conta e, com tristeza, relata que não viveu esta experiência. O que ela tem são apenas os relatos de seu pai. Nessa fala de Yvoty fica evidente que faz menção a um passado que não pertence a ela, o qual é relatado com muita tristeza, pois com o processo de aculturação sofrido no decorrer dos anos, “os índios deixaram de ser eles mesmos, para tentarem ser branco.” (LIMBERTI, 2009, p. 51).

Na mesma gravação, ao referir sobre a língua materna, Yvoty fala que ficou para trás, que só sua bisavó da parte de seu pai é quem falava. Na sua percepção, o fator principal do desinteresse de repassar o conhecimento da língua materna foi a falta de incentivo por parte de seus familiares, devido também aos sofrimentos vividos. Só compreendeu a importância da preservação da cultura quando sofreu, pela primeira vez, o preconceito. Hoje, percebe a importância de falar e valorizar a língua, pois é com essa prática que poderá entender melhor as coisas ao seu redor.

O desejo do reconhecimento subjuga qualquer tipo de dominação ocorrida anteriormente e faz com que esses indígenas comecem a se ver, não com conformismo, ao constatar sua situação cultural e linguística, mas ao contrário, desejam reverter o processo de aculturação. Assim, de acordo com Oliveira (2006, p. 21), “o anseio de ter reconhecido os seus direitos – e dentre esses direitos está o de possuir uma identidade – é uma realidade que se impõe no mundo da vida como algo primordial”.

Take, em gravação realizada no dia 18/05/2010, sentiu ainda mais a fragmentação de sua identidade a partir do momento em que percebeu que recebia três tipos de educação ao mesmo tempo: “três tipos, na verdade, de educação: uma na missão, uma da mamãe com a vovó, que era tudo da tradição, e mais o ensinamento que o papai dava pra nós de acordo com o que ele achava que era certo”. Constituir uma identidade a partir de recortes tão diferentes e conflitantes, traz desconforto na afirmação de quem se é, mesmo porque no caso da escola, de acordo com RCNEI – Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas/MEC (1998, p.25), na voz do professor Walmir Kaingang, “a educação escolar deve ser um instrumento de afirmação da cultura indígena e também de preparação dos índios para se relacionarem com a sociedade de fora conforme o interesse de cada povo”.

Take relata ainda que sentia maior dificuldade por ser mulher indígena, devido aos costumes, ao perceber que, enquanto mulher dentro da aldeia, possuía um espaço específico, o qual deveria acontecer sem nenhuma resistência, pois faz parte da cultura local. O interessante é que apesar disso, esses costumes foram repassados para sua filha e ela espera que repasse para suas netas. O desejo da identidade indígena é muito forte. Essa dificuldade é concretizada ao vincular os costumes do indígena com o costume do não-indígena. Afinal, se não soubesse como é o costume fora da aldeia, não sentiria desconforto em assimilar suas próprias tradições. Um exemplo é dado por Limberti (2009), com relação aos ritos religiosos, analisado a partir de seu entrevistado, o Capitão Ireño:

No fundo, ele demonstra acreditar que a reprodução do rito impede que ele desapareça, da mesma forma que o resgate de sua credibilidade depende de sua reprodutibilidade. Nesse momento, porém, de contato com valores de outra cultura, o rito perde seu valor absoluto e ganha valores relativos: o canto e a benzeção só tem valor para casos simples ou acompanhados de tratamento médico para casos complicados. (LIMBERTI, 2009, p. 109).

Na gravação realizada em 18/05/2010, Mbo`y rendy conta que estudou aos poucos, porque ela tinha que conciliar suas muitas identidades: de mãe, esposa com a de estudante trabalhadora... ora trabalhava, ora estudava. Logo depois, parava tudo para se dedicar aos filhos e ao marido, para então retornar novamente ao estudo e ao trabalho. Hoje está no penúltimo ano do curso de Licenciatura Indígena.

Toda essa preocupação com relação a sua identidade de mãe e esposa ainda demonstra seus costumes indígenas com aquilo que é mais importante para sua etnia. É perceptível com essa afirmação que “o índio urbano, na proporção em que invoca sua identidade étnica, é tão índio quanto o morador do território indígena.” (OLIVEIRA, 2006, p.55). Mbo`y rendy se apresenta, dessa forma, pois estuda e trabalha na cidade, ora em Douradina, ora em Dourados, e agora em Rio Brillante.

Certamente, a conquista de um diploma e de uma profissão para quem teve que se reconstruir várias vezes, é algo relevante para a reafirmação de sua identidade. Ao analisar as mudanças ocorridas em seus conceitos com o estudo, Mbo`y rendy, na gravação realizada em 22/06/2010, diz muito satisfeita que:

A cabeça abriu mais na visão pelas nossas tribo indígenas, conhecer mais um pouco. Antes eu era pra mim, eu pensava que eu sou índio, não precisava nada mais conhecer sobre minha realidade. Aí, depois que eu entrei no Teko, né, que as nossas histórias vem até nós, na existência do descobrimento até nós, né. Aí, depois, nós fomos perdendo a nossa língua, a cultura que nós tinha já não existe mais, a comida que nós comia, não comemo mais... Aí, despertou minha curiosidade de começar a estudar mais, aprofundar mais o meu conhecimento sobre isso, daí comecei a fazer pesquisa.



Para Yvoty, existem certos acontecimentos que vão delineando um desempenho negativo, mas que, de certa forma, esse delineamento se traduz num desejo da busca pelo melhor. Tais acontecimentos podem ser traduzidos pelo “deslocamento da população terena e de pessoas não indígenas para Reserva Indígena de Dourados, que assim se tornou definitivamente multiétnica.” (LOURENÇO, 2008, p.13).

Esses acontecimentos fizeram-na “acordar” e perceber que, mesmo com a multiétnicidade apresentada desde criança, ela é uma indígena e como tal precisa se impor contra todas as regras pré-estabelecidas pelos não-indígenas, e, assim, surge na cabeça de Yvoty a seguinte ideia:

Foi martelando aquilo na minha cabeça, né, que era importante para mim, para o meu pai, e eu me lembro bem, daí, foi ficando muito claro pra mim a insistência da minha bisavó em querer fazer a gente sentar e contar as histórias e ensinar alguma coisa para a gente, porque ela tentou, eu lembro que ela tentava, ela pedia, assim, vamos vem aqui que eu quero falar você. Já sabe escrever, eu lembro que ela falava assim, você já sabe escrever, pega papel, pega e anota. Eu lembro, e aí, eu fui entendendo a angústia dela, né, daí, eu penso assim, que eu, isso foi assim, trazendo pra... foi abrindo a minha cabeça em relação que é muito importante pra gente ter uma história, ter uma língua, e é uma das coisas que dá, uma que faz a gente reconhecer quem a gente é, né.

Essa busca pela identidade “perdida” nos remete a dificuldade em se encontrar diante de tantas identidades encontradas e fragmentadas ao nosso redor. Como saber quem somos verdadeiramente, quando temos o outro que nos mostra apenas quem não somos ou quem seremos. Esse é um fato que torna complexo essa busca identitária que a mulher indígena faz, pois apesar de, às vezes, pensar que seus costumes a fazem infelizes, quando está fora da aldeia, percebe que o seu lugar é aquele e que é ali que se sente completa.

Com toda a interferência do não-indígena, a mulher indígena ainda tenta manter suas tradições, como por exemplo, os rituais sagrados que ainda são realizados tanto pelas mais novas quanto pelas mulheres mais velhas, mas que por serem mais experientes tentam manter as tradições. Muitas vezes, esse contato traz outros reflexos além dos positivos, são aqueles considerados como negativos. Limberti (2009) destaca que:

A partir do contato intercultural, a identidade passa a possuir vários tipos de assimetrias: étnicas, sociais, políticas, que se hierarquizam segundo seu grau de legitimidade. Um processo de remessa de valores e pontos de vista desencadeia-se em mão dupla, transportando significações e recortes, que vão sendo internalizados pelos grupos em diferentes proporções. O patrimônio cultural de cada grupo coloca-os, um em relação ao outro, em posição de resistência e defesa a partir de um pré-julgamento que tende a desqualificar os valores do outro em benefício da constituição de um padrão ideal a partir de si mesmo. (LIMBERTI, 2009, p. 49).

A língua é o suporte da identidade. Essas mulheres começam a perceber que sua existência, enquanto indígenas, se vale através da língua, por isso se concentram em devolver ao seu povo essa identidade, que não está perdida, mas apenas adormecida, talvez esquecida. Como Kake afirma,

[...] a gente não esquece, a gente aprende e não esquece, mas a gente, às vezes, não pratica e também não era visto como uma língua bonita como uma língua valorizada, hoje não. É bem valorizada a língua materna, o guarani, o kaiowá, a língua terena, é bem valorizada, hoje aqui na nossa aldeia, são as três etnias que tem, então elas são bem valorizadas, hoje essas línguas. Então, hoje as pessoas não tem mais vergonha de conversar, de falar, de ensinar em sala de aula.

Desta forma, fica evidente o quanto os atos de preconceitos se destacavam perante a construção identitária dessas mulheres indígenas, impedindo-as, muitas vezes, de utilizar-se de sua língua materna. Percebe-se também nas suas falas que o preconceito não estava em torno somente da questão da língua, mas também na questão de gênero.

De acordo com Viana (2010, p. 06), perante esse preconceito, “o indígena passa a ser visto como um atraso ou como um ser que precisa abandonar todos os seus costumes, sua cultura, sua identidade e assumir os modos de viver da sociedade não indígena para ser aceito”. E mais, esse tipo de preconceito era praticado dentro da própria aldeia, que estimula, por meio dos costumes, que o lugar da mulher é dentro de casa, cuidando de seus afazeres domésticos, procriando e cuidando dos filhos e do marido. Outro ponto observado nas vozes dessas mulheres, está na angústia de tentar encontrar a melhor alternativa para “recuperar” a cultura e a língua de cada etnia, tanto que estão repassando esses costumes e reforçando a importância que eles têm, não só para seus filhos como também para seus alunos.

Esse processo de assimilação também está presente na ação discursiva a qual não acontece somente no mundo social de forma autônoma, mas como podemos perceber, é assinalada pelas circunstâncias sócio-históricas peculiares. Essas circunstâncias que caracterizam a maneira pela qual as participantes se situam e ao mesmo tempo são situados dentro do discurso. (MOITA LOPES, 2002, p.60). Essa situação fica evidente na fala de Kake, ao afirmar que,

[...] quando meu pai num tava em casa procurava ensinar os costumes procurava ensinar a língua mesmo, minha vó meus tios tudo falava com a gente na língua por isso que a gente aprendeu um pouco um pouquinho da língua né a gente num esqueceu tudo a gente num perdeu tudo que tinha pra perder. a gente sempre fala um pouquinho, a gente conversava com a vovó só na língua, porque a vovó num falava quase português, depois de um tempo que começou a fala, mas ela a gente sempre falava com ela e ela também falava com nós na língua, e a nossa educação foi bem diferente da educação tradição indígena, ela foi assim, nós fomos criado como eu num sei, como é que é que a gente fala, na época, a gente num foi ensinada de acordo com os costume indígena, a gente foi ensinado de acordo com o não indígena mesmo.

A formação da identidade dessas mulheres ocorre dessa forma, a partir das questões culturais e discursivas verificadas na comunidade a que pertencem. Assim, podemos concluir que tal situação não acontecerá no “tempo real”, mas como um processo contínuo que acontece além do tempo, se tornando infinito. (BAUMAN, 2005, p.17). Confirmando esse fato, Yvoty avalia sua construção identitária, que teve a influência de sua bisavó, da seguinte maneira:

[...] foi ficando muito claro pra mim a insistência da minha bisavó em querer fazer a gente sentar e contar as histórias e ensinar alguma coisa pra gente, porque ela tentou... eu lembro que ela tentava... ela pedia assim “vamos vem aqui que eu quero falar você... já sab escrever... (eu lembro que ela falava assim) você já sabe escrever pega papel, pega e anota...” eu lembro e, aí, eu fui entendendo a angústia dela, né... daí, eu penso assim que eu... isso foi assim... trazendo pra... foi abrindo a minha cabeça em relação que é muito importante... pra gente ter uma história, ter uma língua... e é uma das coisas que dá... uma que faz a gente reconhecer que a gente é... né... eu faço esse tipo de conversa com meus pais, com minha mãe, né... e aí até um tempo atrás, antes de eu me casar, eu participei de grupos da minha etnia terena... meu pai numm ... era resistente, porque eu era solteira, e eu tinha que ensaiar... tinha que participar das danças. Ele falava pra que isso, né? eu

falava: ‘pai, mais é tão bom... eu me sinto tão bem quando to lá... o senhor sabe o significado das danças terena? o senhor sabe aqueles dizeres lá? tudo tem um significado...’ aí a cabeça vai abrindo, né... mas hoje eu compreendo por causa da situação que os indígenas viviam antes, né, é muito forte essa questão. A gente perdeu a língua por causa... não foi nem, eu falo, não foi nem por causa da minha bisavó... foi tudo por uma situação que foi empurrando pra gente largar foi lá da raiz.

Dessa forma, é possível observar que “aprender a conviver com a diferença, ser tolerante e ser solidário, transformar aquilo que aparentemente nos separa em novos laços de convivência, marcados por respeito e solidariedade, é o grande desafio de nossa época.” (GRUPIONI; BOELITZ; FISCHMANN, 2001, p.31). Yvoty, apesar da demora em perceber, conseguiu compreender que o que sua bisavó tentava era preservar a cultura e a língua de sua etnia. Fatos como esses ocorrem com a aquisição de certo conhecimento, que no caso das participantes deste estudo, apresentou significativa presença no pensar dessas mulheres, é o mesmo caso de M’boy rendy, que apresenta a seguinte conclusão sobre os estudos em sua vida:

Abriu (a cabeça) mais... assim, na visão pela... nossas tribo, né, indígena, conhecer mais um pouco, né... antes eu... eu...eu era ... pra mim, eu pensava que... eu sou índio, não precisava nada mais... conhecer sobre minha realidade... aí... depois que eu entrei no Teko, né, que... as nossas história vem até nós, né... na existência ... do descobrimento até nós, né. Aí, depois nós fomos perdendo a nossa língua... a cultura que nós tinha... já não existe mais, a comida que nós comia, não comemo mais... aí, despertou minha curiosidade de começar a estudar mais... aprofundar mais o meu conhecimento, sobre isso... daí, comecei a fazer mais pesquisa.

Portanto, de acordo com Moita Lopes (2002, p. 24) “reafirma-se a centralidade da construção discursiva das identidades sociais, o que quer dizer que, quando vamos investigá-las, as identidades não estão prontas e fixas, mas sim situadas nos processos discursivos de suas construções”. O estudo é uma marca do processo discursivo do qual essas mulheres se utilizaram para construir e reconstruir suas identidades através da lembrança do que foi ensinado no passado e consolidado pelos estudos que realizaram no presente. Certamente essas identidades ainda estão sujeitas a modificações, pois “não são singulares, mas construídas de forma fragmentada, fraturada, múltipla, portanto, [...] entendidas como um feixe de traços identitários que coexistem, às vezes, de forma contraditória, na construção das diferenças de que fomos feitos.” (MOITA LOPES, 2003, p. 28).

## Referências

- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 9. ed. São Paulo:Hucitec, 1999.
- BAUMAN, Z. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2005.
- BRASIL. Fundação Nacional do Índio. *Resolução 03/Câmara de Educação Básica?* Conselho Nacional de Educação, de 10 de novembro de 1999. Escolas Indígenas. Brasília: MEC/SECAD.
- \_\_\_\_\_. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais – terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais*. Brasília, DF: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade e Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). *Educação como Exercício de Diversidade*. Brasília: UNESCO/MEC/ANPEd, 2007.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. *Referenciais para a formação de professores indígenas*. 2. ed. Brasília: MEC/Secad, 2005.

\_\_\_\_\_. *Identidades*. Recortes Multi e Interdisciplinares. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

\_\_\_\_\_. *LDB: Lei Darcy Ribeiro (Lei nº 9394, de 1996)*. Brasília: Câmara dos Deputados, 1997.

\_\_\_\_\_. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, SECRETARIA DE EDUCAÇÃO CONTINUADA, ALFABETIZAÇÃO E DIVERSIDADE. *Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas*. Brasília: MEC/SECAD, 2005.

BROSTOLIN, M. R. *Da Política Linguística à Língua Indígena na Escola*. Campo Grande: UCDB, Ano 03, N. 04, abril/2003.

COMISSÃO NACIONAL DE POLÍTICA INDIGENISTA. *Propostas para a Educação Indigenista são Apresentadas na Reunião do CNPI com o Presidente Lula*. Disponível em: <<http://www.cedefes.org.br/new/index.php?conteudo=materias/index&secao=7&tema=22&matéria=4866>>. Acesso em: 10 set. 2009.

FIORIN, J.L. Introdução à Linguística. In: PETTER, Margarida. *Linguagem, língua, lingüística*. São Paulo: Contexto, 2004. p.11-23

GIDDENS, A. *Modernidade e Identidade*. Tradução Plínio Dentzen. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GRUPIONI, L.D.B. *Índios: passado, presente e futuro. Índios do Brasil 1*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação a Distância, 1999.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. 11. ed. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DR&A, 2006.

LIMBERTI, R. C. A. P. Discurso Indígena: Aculturação e Polifonia. In: SANTOS, Paulo Sergio Nolasco dos. (Org.). *Ciclos de Literatura Comparada*. Campo Grande MS: Editora UFMS, 2000

MATTOS E SILVA, R. V. A Diversidade do Português Brasileiro e seu Ensino dos Povos Indígenas. In: \_\_\_\_\_. *O Português são dois: novas fronteiras, velhos paradigmas*. São Paulo: Parábola, 2004.

MELIA, B. *Educação Indígena e Alfabetização*. São Paulo: Loyola, 1979.

MINDLIN, B. A Política Educacional Indígena no Período 1995-2002: algumas reflexões. *Revista de Estudos e Pesquisas*, FUNAI, Brasília, v. 01, n. 02, dez./2004.

MOITA LOPES, L. P. *Identidades Fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula*. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

\_\_\_\_\_. *Identidades*. Recortes Multi e Interdisciplinares. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

NASCIMENTO, A. C. *Educação Escolar Indígena: em busca de um conceito de educação diferenciada*. 253f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual Paulista, Campus de Marília, 2000.

OLIVEIRA, G. M. *Índios Urbanos no Brasil: Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística 2008*. Disponível em: <<http://www.ipol.com.br>>. Acesso em: 10 set. 2009.

\_\_\_\_\_. Brasileiro fala português ou Monolingüismo e preconceito lingüístico. In: SILVA, Fábio Lopes da e MOURA, Heronides Maurílio de Melo. *O Direito à Fala: a questão do preconceito lingüístico*. Florianópolis, Editora Insular, 2002.

ORLANDI, E. P. *Política Linguística no Brasil*. São Paulo: Pontes Editores, 2007

PROGRAMA de Política da Cor - PPCor. *Índios enfrentam maior concorrência no vestibular UEMS*. 17/9/2007. Campo Grande: Campo Grande News. Disponível em: <[http://152.92.152.60/web/olped/AcoesAfirmativas/exibir\\_noticias.asp?codnoticias=25119](http://152.92.152.60/web/olped/AcoesAfirmativas/exibir_noticias.asp?codnoticias=25119)>. Acesso em: 29 out. 2008.

SANTOS, P. S. N. et al. Discurso indígena: identidade, alteridade, transculturalidade. *Raído*, v. o, p. 101-114, 2007.

SEVERO, C. G. A Questão da Identidade e o Lócus da Variação/Mudança em Diferentes Abordagens Sociolinguísticas. *Revista Letra Magna*. Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura – Ano 04 n. 07 – 2. Semestre de 2007 ISSN 1807-5193. Disponível em: <<http://www.letramagna.com>>. Acesso em: 29 out. 2008.

SIGNORINI, I. *Linguagem e Identidade*. São Paulo: Mercado de Letras, 2000.

SILVA, T. T. *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Stuart Hall, Kathryn Woodward. Petrópolis: Vozes, 2000.

\_\_\_\_\_.(Org.) *A Questão Indígena na Sala de Aula: subsídios para professores de 1. e 2. graus*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

SILVA, A. L.; FERREIRA, M. K. L. (Org.) *Antropologia, História e Educação: a questão indígena e a escola*. 2 ed. São Paulo: Global, 2001.

VIEIRA, I. F. Conhecendo o jeito Guarani. *Revista Tempos Históricos*. Marechal Candido Rondon, V. 09, 2. Semestre/ 2006.